Entre ricochetes

Em uma calma noite, apenas com o som dos pensamentos, das folhas das arvores ao vento, da água escorrendo, dos carros passando se ouve aquele som, o estouro que ensurdece até os pensamentos, que sessa qualquer discurso, que interrompe o sonho, desfaz o sorriso, que é sufocante, amedrontador e o som da bala passa e ricocheteia, em volta das paredes da mente perfura tudo que encosta, deixa ferida, deixa sangramento, dor, miséria, pobreza, pânico, fome, e que em explosões destrói tudo que toca.

E sempre com diálogos que cortam e ferem a alma, com ideias gananciosas e arrogantes, com dominância, com ódio, acompanhados do fedor do que há de mais podre e mais fútil, traz o medo, o medo de viver e o medo de morrer, como se escapa se não há saída?

Então como será que continuarei? Perguntam se é o último dia, se é o último suspiro, se a última esperança de fugir pra longe é agora, esperança pra assegurar que está tudo bem, de ter um colo pra deitar-se, um abraço pra aconchegar, família pra se amar, "será que após cruzar esse mar posso recuperar tudo?” eles se perguntam e lamentam, até onde preciso ir e abandonar tudo para me garantir vivo? E a dor é se perguntar até onde se deve deixar sua história para não sofrer mais.